



DIVERSIDADE SEXUAL E EDUCAÇÃO: QUE INTERFACES?

BIAZUS, Paula Hosana Silveira¹; BRANCHER, Vantoir Roberto²

Resumo: Trata-se de uma análise de entrevista vinculada à pesquisa “Docências LGBT: (Re)Significando Trajetos Formativos”. Com suporte de autores como Josso (2004, 2008) e Castoriadis (1992, 2006, 2007) discute-se, a partir da narrativa do professor entrevistado, a necessidade de novas ações, inclusive, nas políticas públicas para a construção de novos espaços para a diversidade sexual na educação.

Palavras- Chave: Docências LGBT. Narrativas. Trajetos Formativos. Políticas Públicas.

Abstract: This is an interview analysis linked to the research "LGBT Teaching: (Re)Signifying Formative Paths". With the support of authors such as Josso (2004, 2008) and Castoriadis (1992, 2006, 2007) we discuss, from the narrative of the interviewed teacher the need of new actions, including public policies for the construction of new spaces to sexual diversity in education.

Keywords: LGBT Teachers. Narratives. Formative Paths. Public Policies.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa uma entrevista vinculada à pesquisa intitulada “Docências LGBT: (Re)Significando Trajetos Formativos”, a mesma busca discutir as significações imaginárias de docência e os trajetos formativos de professores que se autoidentificam sob a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros). Consideramos que num contexto social marcado pela norma da heterossexualidade, discriminações de competência e pertencimento aos espaços ocupados pelos sujeitos da referida pesquisa encontram-se presentes. Tais processos configuram sua exclusão ou deslocamento para espaços de sociabilidade específicos; podendo ser compreendidos, nas palavras de Robert Castel, como uma exclusão social, configurando-se

¹ Psicóloga. Bacharel em Psicologia pela Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA). Especialista em Gestão de Recursos Humanos pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: phsbiazus@gmail.com.

² Pedagogo. Graduado em Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor titular do Instituto Federal Farroupilha (IFFarroupilha) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) – campus Jaguari e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PPGEPT) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Email: vantoir.brancher@iffarroupilha.edu.br.



como ruptura de pertencimento do indivíduo, a falta compulsória de vínculo societal (CASTEL, 2000).

Dada inexpressividade de pesquisas que versem sobre a temática, apresentamos alguns conceitos-chave que orientarão a construção desse material. Quando falamos em uma norma heterossexual ou heteronormatividade, dizemos de uma racionalidade que põe por unívoca a expressão identitária e sexual, composta de normas, valores, princípios de conduta e dispositivos de controle que rotulam formas de expressão da sexualidade que não a heterossexual como inferiores (WARNER, 1993; BLUMENFELD, 1992). A tomada “naturalizada” das relações entre sexo e gênero, compõem o que Butler (2017, p. 27) sustenta como produção e estabelecimento pré-discursivo, “superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” e quando questionada passa, também, a constituir novos espaços de visibilidade para os sujeitos que narram.

Essa nova percepção leva em consideração a recente constituição dos movimentos de representação LGBT no Brasil. Seu surgimento data da década de 1970 (FACCHINI, 2016). Ainda, pontuamos que a adoção do termo homossexualidade demarca uma posição política, de forma a também categorizar as relações entre pessoas do mesmo sexo em oposição às relações entre pessoas de sexos distintos, rotulando-as como doença, crime e/ou fragilidade e segregando os sujeitos os quais passaram a ser reconhecidos como distintos da maioria – a maioria “normal” – (FOUCAULT, 1999; WEEKS, 1989). Desta maneira, entendemos que a homofobia, ou seja, essa hierarquização de expressões sexuais, não pode ser bem explicada somente pelas relações entre pares, mas compõe-se de diversos recortes a fim da manutenção dessa lógica. Diversos são os campos sociais e as formas pelas quais esses sujeitos são atingidos, especialmente pelo discurso produzido sobre suas existências, prisma, este, sobre o qual devemos debruçar-nos.

Até 1973, o termo “homossexualismo” fazia referência, no Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM), e até 1990 a Organização Mundial da Saúde mantinha o termo no Código Internacional de Doenças (CID), como identificadores das sexualidades não-heterossexuais. Tais documentos tornam-se importante referência pois, ainda, subsidiam a construção de condutas e diagnósticos de diferentes profissionais da saúde.

É na década de 80, com a epidemia do HIV/AIDS e a forma como fora divulgada (“câncer gay”), que abre-se brecha para discussão das identidades não-heterossexuais. Ainda que por uma via de preconceito, tendo desmobilizado diversas propostas de liberação sexual e de reconhecimento de pertença social (FACCHINI, 2016), a doença redirecionou os objetivos das organizações não-governamentais e coletivos representativos LGBT para a (re)construção



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



da imagem do homossexual. As tentativas e ações destes coletivos visavam discutir a realidade, remodelar as atitudes dos atores sociais em relação ao público mencionado, de forma a educar a população brasileira sobre as condições de existência dos homossexuais à época.

Por se tratar de uma pesquisa sobre professores, recorreremos a Clermont Gauthier (1998, p. 17) que introduz norte aos objetivos propostos a esse escrito, pois, de acordo com o autor, o conjunto de conhecimentos que compõem o saber profissional docente “é fundamental e pode permitir que os professores exerçam o seu ofício com muito mais competência”. Assim, inquieta-nos a forma como esses docentes tem composto o seu trajeto formativo, diante dos embates que ainda percorrem a construção de suas identidades.

Considerando que cada sujeito possui capacidade de representar e significar as suas experiências, de acordo com o qual foi sendo exposto ao longo da vida, vale-mo-nos de Delory-Momberger (2008, p. 38), quando diz que “cada um representa sua existência segundo trajetórias e construções diferentes que integram restrições, os valores, as dinâmicas ou o peso de seu meio sócio-profissional”.

Ao dar destaque às narrativas focalizadas em seus percursos de formação profissional, permite-se que esses sujeitos reconstruam suas vivências, oportunizando “acesso a essas dimensões do sensível, da afetividade e do imaginário” (JOSSO, 2004, p. 265), de forma que se possam reconhecer as possibilidades e as dificuldades do percurso e como elas se refletem em seus fazeres, de modo que, assim fazendo, estabeleçam no horizonte de suas expectativas a maneira como as colocarão em movimento. Ao questionarmos os espaços dados e tomados por essa população, busca-se aliar a uma proposta que discuta formas de ver e fazer ver uma minoria que ainda é colorida por estigmas desmistificados cientificamente, mas ainda marcadamente presentes no imaginário social.

Diz-se que ainda pois “todo o simbolismo que ergue a sua edificação sobre as ruínas dos edifícios simbólicos que o precederam” (HENRIQUES, 2006, p. 67). Logo, o estigma ocasionado pelos diagnósticos e os discursos que produzem e promovem espaços de pertencimento aos sujeitos ainda guardam, com a flexibilidade necessária, as marcas que as trouxeram até aqui. Para Castoriadis (2004), o mundo social constitui-se e articula-se sob um sistema de significações que, constituídas, designam o imaginário efetivo. Logo, somente a partir destas é que poderíamos compreender “tanto a ‘escolha’ que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a ‘funcionalidade’.” (p. 177).



Longaray e Ribeiro (2015) informam que somos atravessados incessantemente por discursos produzidos em diversas instâncias e que nos ensinam como ser, estar e comportar na sociedade. Desta forma, nos são ensinados o que é permitido ou não, valorizado ou não em coletivo. Considerando o exposto, pensar as relações e discursos de poder que tem sido lançadas a estes sujeitos, pode-nos permitir conhecer como estes tem produzido a si mesmo e seus espaços de pertencimento, além das tentativas de fuga dos locais socialmente desenhados por expressões da sexualidade.

METODOLOGIA

Partimos da perspectiva qualitativa, a qual opera “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2002, p. 21), pois não sendo passível de redução à quantificação de variáveis e das leituras do Imaginário Social, a partir de Cornelius Castoriadis (1992; 2006; 2007), essa pesquisa, na perspectiva de Gil (2008), tenta descrever e estabelecer as relações entre sujeitos e variáveis, desenvolvendo ou modificando conceitos e ideias, sendo, portanto descritiva e exploratória.

Trabalhamos com a metodologia *snowball* ou bola-de-neve. Faz-se uso dessa técnica de encontro de sujeitos de pesquisa, quando a população ou é numerosa ou necessita de certo grau de confiança para contatos iniciais (VOGT, 1999; ATKINSON E FLINT, 2001). Além deste, visa aproveitar as redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador um conjunto de contatos potenciais (THOMSON, 1997), caracterizando-se pela utilização de cadeias de referência, de onde não é “possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados” (VINUTO, 2014, p. 203). Considerando o fator de confiança como primordial, chegamos até o entrevistado por meio de indicação, tendo em vista os critérios elencados, a saber: exercício de docência na Educação Básica Profissional Técnica e Tecnológica (EBPTT), pelo período mínimo de dois anos, a autoidentificação com a sigla LGBT, independentemente da orientação e gênero assumidos, e a concordância em participar da pesquisa mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Ao considerarmos a flagrante insubstancialidade de trabalhos que abordem a subjetividade de docentes LGBT, especialmente quando relacionados à EBPTT, a escolha deste tipo de técnica é primordial, posto que indica um caminho para a produção tanto de dados para a pesquisa ora apresentada quanto para a ressignificação dos trajetos formativos desses sujeitos a partir da escolha dos próximos entrevistados. Em concordância com a perspectiva do



Imaginário Social, a utilização da *snowball* não permite que o pesquisador generalize dados a partir de sua amostra que é específica (GRIFFITHS et al, 1993), sua saturação dependerá de fatores subjetivos dos participantes, bem como do devido plantio e disseminação das sementes (VAN METER, 1990), em outras palavras, a partir do primeiro entrevistado, a tarefa seguinte é questionar sobre a existência de outros sujeitos que se enquadrem nos critérios estabelecidos tendo por indicação o primeiro colaborador.

Diante da **entrevista do tipo semiestruturada**, gravadas e transcritas à luz de Meihy (2002), no que tange a obtenção de dados por meio de narrativas orais, entendemos que se está permitindo a reflexão e a formação de novas perspectivas para os sujeitos envolvidos no processo, quer sejam entrevistados ou entrevistador(a), conforme sugere Josso (2004). A análise dos dados produzidos tem como suporte a Análise de Conteúdo, do tipo Categorical-Temática, consoante os preceitos de Laurence Bardin (2016), visando sistematização, criação de nexos e exatidão dos dados de modo a discutir e retomar o estudo, produzindo categorias que representem “a reconstrução do discurso a partir de uma lógica impressa pelo pesquisador” (OLIVEIRA, 2008, p. 572), devendo apontar intencionalidade à luz de teorizações específicas. Entendemos a escolha como relevante, pois ao considerar a subjetividade e as ações humanas como multi-compostas, tópicos julgados importantes pelos participantes podem não estar contemplados nas perguntas elencadas e precisarão de espaço para narrativa, pois dizem da construção singular de quem reflete sobre si.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Josso (2007, p. 415) compreende que o trabalho com as questões da identidade e da expressão de nossa existencialidade “através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”. Assim, disparado pelas questões da entrevista, o colaborador, o qual chamaremos de Professor B, revela-nos tanto sua singularidade, posto que narra evento de sua trajetória, como sua inserção na coletividade, visto que aponta, direta e indiretamente, elementos de sua pertença social.

Ao responder sobre possíveis conflitos em seu ambiente de formação e/ou trabalho e que tivessem sua sexualidade e/ou identidade de gênero como elemento de discussão, Professor B revela-nos um episódio recente em seu ambiente de trabalho. Estava auxiliando uma das unidades de sua instituição devido à falta de professores em sua área de formação. Dado



deslocamento de uma cidade à outra, precisava utilizar o banheiro da sala de professores para recompor-se a fim de dar início às suas atividades. Tal situação, rotineira a qualquer profissão, passou a compor o momento de conflito e sobre o qual fora questionado. Pontuamos que as frases que estiverem entre aspas e em itálico são falas atribuídas aos personagens da narrativa.

Um colega de instituição o chamou para conversar fora da sala, anunciando:

“sabe Fulana?”, aí eu disse “Tá sei...”, daí ele disse “pois é, faz o seguinte Professor B, não utiliza aquele banheiro dentro da sala (...). É que fulana não gostaria que tu usasse, ela não se sente à vontade contigo, usando o banheiro.” (Professor B).

Na sequência, discorre sobre as tentativas não-discursivas de Fulana, também docente da mesma unidade e instituição, para que Professor B não utilizasse mais o banheiro anexo à sala dos professores, como a colocação de um cartaz na porta, escrito à mão, acompanhado de uma seta indicativa do espaço, com os dizeres “Banheiro Feminino”. Consideramos importante destacar que o cômodo era composto por dois sanitários separados por paredes, permitindo a necessária privacidade dos usuários, além do compartilhamento de uma bancada com duas pias, possibilitando uso simultâneo do local. Do episódio, após alerta de outros colegas de profissão, Professor B fez a retirada do mesmo, o que nos leva ao destaque de sua narrativa.

daí ela entrou e viu que tava sem o cartaz e “mas vocês estão de palhaçada, eu coloco as coisas, vocês tiram, que absurdo isso”, (...) ela se revelou!, disse “o que que tu tá pensando? não sei nem daonde tu saiu”, parece que foi essa palavra, parece que entrou assim, “não sei de que buraco que tu saiu, quando tu vê, tu chega aqui, tu quer transformar essa instituição, isso aqui num antro de ...” eu não me lembro a palavra, mas não sei se era um “antro de... promiscuidade”.

Após a narrativa, questionamento e a discussão sobre o fato ocorrido, podemos entender que tal fato aciona elementos singulares e plurais. Da coletividade, podemos considerar tal manifestação como reveladora de preconceito, tendo por pano-de-fundo o medo de contaminação e/ou contração de alguma doença, ainda que não saiba dizer qual, e à sua sexualidade. Posto que a homossexualidade esteve, na década de 1980 ligada à divulgação e considerada o berço da epidemia do HIV/AIDS, não é de se surpreender que ainda permaneça no imaginário coletivo determinada associação.

Para Castoriadis (2006), faz-se necessário a produção de um novo ciclo de criações, de significações imaginárias, quer sejam lentas ou maciças, mas que permaneçam tempo suficiente para que mudanças históricas sejam percebidas e que passem a regular a vida dos homens. Logo, não há possibilidade de novas leituras sobre a homossexualidade, por exemplo, quando os discursos e o imaginário social sobre o tema permanecem os mesmos, quer surjam nas relações interpessoais, nos espaços de trabalho ou nas próprias formações docentes. A



resistência à mudança pode ser compreendida pela radicalidade deste imaginário. Diz-se radical no sentido de raiz, de ancoragem no passado, algo que é sustentado e nutrido a partir de um território determinado. Dado que “o Imaginário é uma criação espontânea e, num primeiro nível, gratuita” (CASTORIADIS, 2007, p. 95), a discussão destes eventos que visam segregar os sujeitos, tal como relatado por Professor B, permite-nos produzir brechas nos sustentáculos do preconceito, aproximando-nos de suas origens.

Neste sentido, trazemos Miguel Arroyo (2008). Para o sociólogo, devemos “formar docentes-educadores que entendam como o próprio sistema e a própria docência participaram e participam na produção dos diversos em desiguais por meio de seus padrões de ciência”. O autor comenta que a generalidade e a unicidade de nossas formações tendem a polarizar e segregar as diversidades, alimentando sistemas sociais, culturais, de racionalidade, conhecimento, etc., reduzindo e delimitando os espaços e os méritos da diferença.³ Professor B concorda que essas discussões tendem a nos aproximar de melhores condições no espaço de trabalho, por exemplo.

é todo um processo, e se ninguém falar sobre isso, né, não vai haver um debate, né? Se não havendo um debate não tem um embate, se não tem um embate não tem uma outra construção de um outro conhecimento, a partir dessas divergências a gente pode chegar num denominador comum ou pelo menos num mais ponderado das coisas, então é de suma importância que a instituição como um todo ela discuta isso e discuta não somente nesses grupos, mas o professor enquanto agente transformador que faça isso também dentro de sala de aula (...)

Diante dos evento mencionado anteriormente, Professor B relata que encaminhara denúncia aos órgãos institucionais como Ouvidoria e Comitê de Ética, porém, sem acionar os dispositivos legais e que, à época, poderiam culminar em denúncia à Justiça Comum.

Professor: ... mas depois eu não, deixa, esse pobre bicho, né, deixa que a vida se encarregue. (...) então esse tipo de coisas assim eu não sou esse profissional ou esse ser humano, esse gay que levanta a bandeira pelo seu próprio corpo...

Zanella e Peres (2015) invocam Corbin (2009) para explicitar que “o corpo é uma ficção, um conjunto de representações mentais, uma imagem consciente que se elabora, se dissolve, se reconstrói através da história do sujeito, com mediação dos discursos sociais e dos sistemas simbólicos”, possibilitando que afirmem que o corpo tem, carrega memória. Ora, se

³ Para ler mais sobre o assunto, recomenda-se: BIAZUS, P.H.S. et all. Diversidade Sexual, Saúde e Educação: Práticas Profissionais Inclusivas ou Excludentes?. IN: BRANCHER, V.R.; MEDEIROS, B.A.; MACHADO, F.C. (orgs). **Caminhos Possíveis à Inclusão I: Educação, Gênero e Ações Afirmativas; Dilemas do nosso tempo.** Curitiba: Appris, 2018.



os embates com o social dão significado ao corpo, posto que o homem em busca de sentido o produz (CASTORIADIS, 1992), não há como um corpo não representar significados em movimento. Assim, o silenciamento dessas discussões acabam por promover a manutenção de preconceitos relacionados à sexualidade, tendo em vista que se o corpo fala, o corpo também é representação política, logo, é um dos tantos instrumentos de reivindicação de pertencimento social, considerados importantes, especialmente para as minorias sociais, do mesmo modo que o acionamento dos dispositivos legais poderiam fornecer além do exemplo, representatividade e voz àqueles que permanecem incrédulos dos processos de mudança.

A possibilidade de entendimento sobre tal silenciamento parte também de outros recortes sociais aos quais Professor B pertence e enumera.

*(...) somos brancos, como eu tava te falando, temos um poder financeiro, um poder intelectual, então **hoje eu represento um gay, talvez aceitável pra sociedade, talvez não, somos aceitáveis, ou por um ou por outra coisa, mas antes não era assim, daí aí é onde eu quero chegar, entendeu? (grifos nossos).***

Em “*As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*”, Castel (1998) pontua que o salário passa a determinar a visibilidade da sociedade moderna, estruturada sob a égide do Estado Social, objetivando reduzir riscos e a insegurança social. O salário, consequência notória do emprego, fornece então um pertencimento a estes sujeitos, propiciando acessos e construções alinhadas ao modelo econômico vigente. Porém, ainda que detenham, como cita, poder/status financeiro distinto, Professor B ainda representa um coletivo que mantém relações de desfiliação social dado seus comportamentos serem destoantes da heteronorma, constituindo-se, portanto, numa zona de instabilidade e de necessária reconstrução, haja vista que encontra-se em posição privilegiada profissional e socioeconomicamente localizadas, mas ainda dividindo território com a expressão de sua sexualidade. Sua imagem, mais do que trabalhador da educação profissional, representa um recorte pouco pensado ou discutido, qual seja a presença de LGBT na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Diante das provocações que a temática da sexualidade nos impõe, considerando que é um dos dispositivos pelos quais a existência humana pode ser escrita, lida e discutida, bem como da necessidade de trabalhos que relatem e instiguem nossas considerações sobre inclusão e diversidade, podemos inferir que a entrevista que constituiu esse trabalho reflete algumas perturbações na aura vigente de uma escola dita para todos. Sabendo que a realidade do entrevistado é a modalidade de ensino profissional e que por si só carrega especificidades,



ampliamos nossas considerações para a educação regular, tendo por prisma as mudanças que acreditamos precisarem ser realizadas em ambas modalidades e apresentamos dois tópicos acerca dessa constatação. A primeira é a ainda pouca discussão sobre a diversidade, sexualidade, presença de LGBT na educação, quer seja como discentes ou docentes, quer se tratem dos estigmas ou das histórias de reconhecimento de suas subjetividades como válidas (e validades socialmente). Ao invisibilizarmos parte do que constitui os sujeitos nas pesquisas, contribuímos para a generalização de coletivos que, dentro e fora, são múltiplos em suas expressões.

A segunda é, possivelmente em decorrência da primeira, o receio de Professor B – e provavelmente de muitos docentes – de revelarem mais explicitamente suas posições político-ideológicas e identitárias, o que inclui suas sexualidades, num espaço que por si só é terreno de embate das relações de poder, a escola. Se a escola é reflexo das necessidades e prepara os sujeitos para o mundo e o mercado de trabalho, o silenciamento parece-nos estar pedagogicamente agindo desde cedo. Nesta lógica, reforça-se a higienização imposta à sexualidade e/ou a manutenção de sua composição apenas pelas práticas sexuais, divergindo de atualizações sobre a temática em diferentes áreas do conhecimento.

Desta forma, a reflexão e a aposta que temos é que o investimento em formações, mudanças de currículo, políticas públicas que coloquem a diversidade em debate, posto que são nestes e a partir destes que se pode constituir uma nova perspectiva de inclusão, tendendo a promover novos olhares sobre o que coletivos e movimentos sociais vem tentando conquistar: espaço. Em suma, a pergunta que deixamos é: que estudantes temos formado para a diversidade?

REFERÊNCIAS

ATKINSON, Rowland; FLINT, John. Accessing Hidden and Hard-to-Reach Populations: Snowball Research Strategies. **Social Research Update**, v. 33, 2001. Disponível em: <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU33.pdf>. Acesso em 08 out 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BLUMENFELD, W. J. Squeezed into gender envelopes. In W. J. Blumenfeld (Org.), **Homophobia: How we all pay the price**. Boston: Beacon Press, 1992, p. 22-38.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C. (Org.). **Desigualdade e a questão social**. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2000. p. 17-50.

CASTORIADIS, Cornelius. A criação histórica e a instituição da sociedade. IN: **Criação Histórica**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. **Uma sociedade à deriva: entrevistas e debates - 1974-1997**. Enrique Escobar, Myrto Gondicas e Pascal Vernay (org.). Trad. Cláudia Berliner. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

CASTORIADIS, Cornelius. Sujeito e Verdade no mundo social-histórico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paullus, 2008.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. Disponível em:
<http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx>. Acesso em 05 abr 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da Pedagogia**: Pesquisas Contemporâneas sobre o Saber Docente. Ijuí: Unijuí, 1998.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6a. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIFFITHS, P.; GOSSOP, M.; POWIS, B.; STRANG, J. Reaching hidden populations of drug users by privileged access interviewers: methodological and practical issues, **Addiction**, 1993, vol. 88, 1617-1626.

HENRIQUES, Eda Maria. O Imaginário do Professor: contribuições sobre o processo de significação. IN: AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de. **Imaginário e Educação**: reflexões teóricas e aplicações. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007, 2007.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Espaços Educativos e Produção das Subjetividades Gays, Travestis e Transexuais. **Rev Bras Educação**, v. 20, n. 62, jul-set, 2015, pp. 723-747.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual da História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008. Disponível em: <<http://www.revenf.bvs.br/pdf/reuerj/v16n4/v16n4a19.pdf>>. Acesso em 19 nov 2017.

THOMSON, Stephen K. Adaptive sampling in behavioral surveys. **NIDA Research Monograph**, 1997, p. 296-319.

VAN METER, K. Methodological and Design Issues: Techniques for Assessing the Representatives of Snowball Samples, **NIDA Research Monograph**, 1990, p. 31-43.

VINUTO, Juliana. A amostragem bola de neve. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago-dez/2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>. Acesso em 15 ago 2017.

VOGT, William Paul. **Dictionary of Statistics and Methodology: a nontechnical guide for the social sciences**. London: Sage, 1999.

WARNER, M. **Fear of a queer planet**. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

WEEKS, Jeffrey. **Sex, politics and society: the regulation of sexuality since 1800**. New York: Longman Inc., 1989.